

Em defesa da vida

Cada ser humano, a partir da concepção, é absolutamente único e insubstituível.

Nenhuma mãe abortaria se pudesse ouvir o grito de seu filho". Esta afirmação impressa na capa da revista argentina "Para Ti" realmente impressiona. Dois jornalistas estiveram em Paris para entrevistar o Dr. Jerome Lejeune, "el hombre que demostró científicamente que todo aborto es un homicidio", explica o redator. Trata-se de um renomado genetista, professor da Faculdade de Medicina de Paris. Entre outras coisas, ele disse:

"Poderíamos quase afirmar que

nada entra no ser humano após a fecundação. Tome-se o exemplo da galinha. Dentro do ovo está tudo o que será depois o pintinho. Você pode colocá-lo numa incubadeira elétrica e ele nascerá de qualquer modo ... A origem da pessoa humana ocorre no instante em que se encontram as qualidades que provêm do pai com as que vêm da mãe para formar uma combinação nova, que jamais existiu e nunca tornará a existir. Porque cada ser humano é absolutamente único e insubstituível. É isto que faz com que você, mesmo jamais conseguindo distinguir uma abelha de outra, possa, no entanto, reconhecer um amigo no meio de uma multidão.

O aborto é o extermínio de um ser vivo, muito jovem, extremamente jovem. Um ser cuja carreira se corta de forma brutal, no exato momento

em que começa ... Não se pode medir a gravidade de um homicídio pelo tamanho da vítima. Ou por acaso alguém admitiria que é menos grave matar um jovem franzino do que matar um homem de 200 quilos?

As leis do aborto vão totalmente contra o que ensina a biologia. Em todas as espécies de animais não há instinto mais forte que o da conservação da espécie.

Já no sétimo dia após à fecundação, esse minúsculo embrião de um centímetro e meio manda uma mensagem biológica que detém o funcionamento dos ovários da mãe e que impede a menstruação. Quer dizer que com apenas uma semana já está fazendo o que quer com sua mãe. E, diga-se de passagem, jamais deixará de fazê-lo.

A mulher que aborta não sabe, ou

RAÍZES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ABORTO

O aborto não é somente um problema médico, mas sobretudo sócio-econômico e político, além de moral. É muito complexa a trama que pode levar uma mãe a decidir ou consentir na eliminação de um filho, para se admitir soluções ou acusações simplistas.

Hoje em dia muitas nações já legalizaram o aborto, cuja legitimidade tem sido muito discutida atualmente; a sua prática, todavia, não é um fato recente.

No mundo antigo, o aborto foi aceito socialmente como uma prática "normal", porque a vida era considerada um valor inferior à integridade física, à beleza, à utilidade (um homem vale mais que a mulher), etc. No mundo romano, por

exemplo, a vida do recém-nascido dependia do arbítrio do "pátrio poder": o pai podia rejeitá-lo, matá-lo ou aceitar sua vida. O mundo hebraico, porém, representava uma exceção. Para os hebreus a vida provém de Deus e, por isso, não se pode impedir que alguém nasça. A Bíblia, em todas as suas partes, é o mais elevado hino à vida, em todos os tempos: "Eis que os filhos são dons do Senhor, um prêmio é o fruto

do seio" (Salmo 126).

Foi o cristianismo, seguindo o humanismo hebraico, a erradicar lentamente a idéia da legitimidade do aborto no mundo antigo. Com a queda do império romano e as invasões bárbaras na Europa, a nova sociedade vai se tornando progressivamente cristã. Os costumes e as próprias leis passam a condenar as práticas contra a vida humana. É verdade que o aborto continuou sendo praticado fora da lei. Entretanto, o fato de ser considerado um delito, restringe sua prática e diminui suas conseqüências sociais.

A Idade moderna viu surgir a sociedade burguesa sobre as ruínas do feudalismo. A mentalidade burguesa emergia da organização social cujo princípio fundamental é o de cada um procurar ganhar mais sem importar-se com os outros. Nesta busca de ganho individualista, os fortes conseguiam progredir e acumular riquezas deixando para



“Interrupção da gravidez”, “fim da gravidez”, “contracepção retroativa” são todas expressões de ginástica verbal, usadas para evitar o termo biológico “matar”. Seria muito mais honesto dizer “aborto provocado”, “suprimir a vida no seio materno”, “matar o feto”, ou melhor ainda “matar a criança que ainda não nasceu”, pois exprimem mais exatamente aquilo que desejam defender. Na foto, os restos de um feto jogados numa lata de lixo, num hospital norte-americano.

se nega a compreender, que aquilo que traz em seu ventre é um ser humano. Cedo ou tarde acaba percebendo isso, o que provoca um trauma psicológico realmente profundo.»

Ao final da reportagem, os jornalistas perguntaram-lhe se esta sua posição lhe havia causado problemas. “Muitos – respondeu. Fui eliminado da lista de convidados para congressos internacionais sobre o assunto de minha especialidade ... Mas, não me importo. Sei que aquilo que estou dizendo é verdade. Estou convencido disso e continuarei fazendo o possível para convencer o maior número de pessoas.”

Lejeune insere-se na corrente daqueles que pretendem esclarecer a grande confusão criada – deliberadamente ou não – em torno do tema. Não esqueçamos que enormes interesses estão empenhados em controlar a natalidade a qualquer preço (mediante esterilizações, anti-concepcionais e até mesmo abortos) e que desenvolvem uma sutil campanha a favor desses meios. A esses somam-se os interesses de médicos, parteiras e curandeiras que exploram o lucrativo comércio do aborto; e não lhes convém que todos tomem consciência de que se trata de um atentado à dignidade humana e de um verdadeiro crime.

trás os fracos e indefesos. Com isso, o direito à vida passou a ser reconhecido “de fato” somente para os ricos e poderosos. Mas, agora, a sociedade neo-capitalista, em vez de simplesmente marginalizar a maioria, procura envolver a todos na lógica do consumo, ou seja, as grandes empresas, para se manterem, precisam produzir sempre mais; e, para aumentar a produção, é preciso fazer com que a população consuma sempre mais. Para consumir, é preciso ter dinheiro e, para isso, trabalhar. Neste contexto, as pessoas são valorizadas na medida em que mantêm este sistema trabalhando e consumindo. É em função da produção e do consumo que se valoriza a vida. Segundo esta mentalidade o indivíduo tem direito à vida na medida em que tem saúde suficiente para ser útil (= produzir) e riqueza bastante para garantir sua sobrevivência (isto é, para ter casa, comida e depois, conforto, tele-

visão, carro...)

Neste contexto, aqueles que não produzem ou não consomem passam a ser rejeitados e marginalizados; os velhos, os doentes, os fracos, os pobres... e, por fim, as crianças em gestação que poderiam vir a atrapalhar esta lógica da produção-consumo. É esta lógica que normalmente prevalece no momento em que se deve decidir sobre a aceitação ou rejeição de um ser humano que começa a viver no ventre materno.

Além disso, a sociedade fez também do sexo um objeto de consumo, o que leva as pessoas a buscarem na relação homem-mulher unicamente o prazer individual, desprezando seu profundo sentido de amor mútuo em função da vida de um novo ser. E, assim como se faz do outro um objeto de consumo, rejeita-se um inesperado filho como um produto a ser descartado e jogado na lata de lixo. Esta mesma

mentalidade, leva as pessoas a desprezarem e a desampararem a mãe-solteira, gerando terríveis consequências para ela e favorecendo o aborto.

Como se vê, as razões que levam à prática do aborto podem ser encontradas hoje, principalmente na organização social e na mentalidade individualista e materialista que considera a vida humana um valor inferior à comodidade, ao status, à carreira, ao dinheiro... Por isso, um esforço pessoal ou coletivo para sanar radicalmente o problema do aborto, não pode prescindir do empenho para criar uma nova mentalidade que respeite e valorize a vida, para desenvolver as instituições que amparam a família, para transformar as estruturas sociais que privilegiam alguns e marginalizam outros em estruturas que garantam a todos e a cada um (inclusive aos nascituros) sua plena realização. ■